

DO CONTEXTO AO TEXTO: A IDEALIZAÇÃO DA OBRA JÚLIA E SUA SOMBRA DE MENINO

FROM THE CONTEXT TO THE TEXT: THE IDEALIZATION OF WORK JULIA AND HER BOY-SHADOW

DEL CONTEXTO AL TEXTO: LA IDEALIZACIÓN DE LA OBRA JULIA Y SU SOMBRA DE NIÑO

Maria Viana ¹

RESUMO: As obras publicadas por Christian Bruel, fundador da editora *Le sourire qui mord*, são consideradas um marco na produção de livros destinados a crianças e jovens na França. O objetivo deste artigo é analisar a primeira obra publicada pelo grupo de intelectuais liderados pelo editor, *Histoire de Julie qui avait une ombre de garçon*, que na edição brasileira recebeu o título *A história de Júlia e sua sombra de menino*.

ABSTRACT: The books published by Christian Bruel, founder of the publishing house *Le sourire qui mord*, are considered a milestone in the production of books for children and young people in France. The aim of this paper is to analyze the first work published by the group of intellectuals led by the publisher, *Histoire de Julie qui avait une ombre de garçon* (Brazilian edition: *A história de Júlia e sua sombra de menino*).

RESUMEN: Las obras publicadas por Christian Bruel, fundador del editorial *Le sourire qui mord*, son consideradas un punto crucial en la producción de libros para niños y jóvenes en Francia. El objetivo de este artículo es analizar la primera obra publicada por el grupo de intelectuales liderados por Christian Bruel, *La historia de Julia, la niña que tenía sombra de niño* (*Histoire de Julie qui avait une ombre de garçon*).

1 Mestre em Culturas e Identidades Brasileiras pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (USP) e Bacharel em Letras (Português/Francês) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. E-mail: mariaviana8@uol.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Christian Bruel; literatura infantil e juvenil na França; identidade de gênero.

KEYWORDS: Christian Bruel; publishing for children in France; gender identity.

PALABRAS CLAVE: Christian Bruel; libros para niños en Francia; identidad de género.

O idealizador do projeto editorial: Christian Bruel

Nascido em Paris, em abril de 1946, Christian Bruel estudou Psicologia, Sociologia e Linguística. A partir de 1970, liderou um grupo que reunia intelectuais de diversas origens: acadêmicos, jornalistas, artistas, psicólogos, todos, de alguma maneira, ligados aos movimentos de esquerda de Maio de 1968, na França. Temas contemporâneos, como o papel da mulher na sociedade, a infância, as relações sociais entre os indivíduos e as condições de trabalho no mundo capitalista, eram recorrentes nesses encontros.

Certamente as ideias discutidas por esse grupo e as pesquisas de François Ruy-Vidal, que, nas décadas de 1950-1960, já sinalizavam outros caminhos para os livros destinados a crianças e jovens na França, fomentaram em Christian Bruel o desejo de editar livros infantis que tratassem de questões até então ignoradas naquele país.

Foi o que levou à criação de seu primeiro livro *Histoire de Julie qui avait une ombre de garçon*, publicada no Brasil, em 2010, pela editora Scipione, sob o título: *Júlia e sua sombra de menino*, na tradução de Álvaro Faleiros.

Essa obra foi criada em colaboração com a educadora e escultora Anne Galland e a ilustradora Anne Bozellec, entre 1975 e 1976. Foi também em parceria com essas artistas que Christian Bruel fundou a editora *Le sourire qui mord*, em 1976.

As publicações dessa casa editorial marcaram um período de profunda re-

novação no conceito de livros para crianças na França. Bruel e seus amigos viam as obras para esses destinatários não apenas como um meio de comunicação e difusão de ideias, mas também um espaço para mostrar como determinadas situações eram sentidas pelos sujeitos a elas submetidos.

Outra marca das principais edições da *Le sourire qui mord* é que cada livro era resultado de um trabalho coletivo, que durava de um ano a um ano e meio, desde a concepção da história até a criação das imagens.

Em entrevista concedida à AFL (Associação Francesa pela Leitura), Christian Bruel diz o seguinte sobre a obra:

Trata-se da história de uma garota que toma consciência das diferenças que há entre a norma vigente e sua real identidade sexual e decide se apropriar disso. Ninguém pode dizer que temos um discurso pedagógico que pode ser reduzido a um tratado de como se comportar.²

Venderam-se 5 mil exemplares da obra *Histoire de Julie qui avait une ombre de garçon* em um ano. Cifra bastante significativa, se consideramos que a distribuição dos livros da editora era feita de maneira alternativa, pois não eram vendidos em livrarias, mas por meio de associações educacionais, criadas por pais, bibliotecários e mediadores de cultura. Grande número de exemplares era enviado pelo correio para compradores de diferentes regiões da França.

Apesar do sucesso desse e de outros livros da editora e da política editorial inovadora, em 1996, Christian Bruel declarou a falência da *Le sourire qui mord*, por não querer se submeter às leis do mercado.

O avanço de estudos nas áreas da pedagogia e da psicologia, sobretudo em

2 BRUEL, Christian. Entrevista concedida à Association Française pour la lecture. *Les actes de lecture*, n. 7, set. de 1984. Disponível em: <http://www.lecture.org>. Acesso em 18 mar. 2015. Tradução nossa.

torno do desenvolvimento cognitivo das crianças e dos adolescentes, contribuiu sobremaneira para a concepção de uma teoria a respeito da literatura destinada a crianças e aos jovens a partir de meados do século XX.

No caso francês, Christian Bruel é visto como o sucessor de François Ruy-Vidal, editor que revolucionou a concepção do livro para crianças na França nas décadas de 1950-1960. Para ele, a qualidade artística inerente tanto à produção literária, como ao visual do livro era fundamental, independentemente da idade do destinatário. A partir dessas premissas, a criança teria os mesmos direitos que os adultos em matéria de livros. Para François Ruy-Vidal, as fronteiras relativas à idade eram infundadas e deveriam ser destruídas. As frases seguintes, atribuídas a ele, sintetizam muitas de suas ideias:

Não existe arte para crianças, existe Arte;

Não existe grafismo para crianças, existe grafismo.

Não há literatura para crianças, existe literatura.

E, partindo desses quatro princípios, podemos dizer que um livro para crianças é um livro bom para todo mundo (HOINVILLE, 2007, p. 28).

Nessa perspectiva, a criança deveria ser sempre desafiada a se abrir para o mundo e a se defrontar com ele com um olhar crítico e participativo. O adulto, portanto, não seria o portador de verdades absolutas, mas um mediador entre as descobertas da criança na construção da própria identidade e em sua atuação no mundo.

A partir dessa concepção, temas incomuns encontrados nos livros para crianças publicados na França até então, como o divórcio, a sexualidade, a inexorabilidade do tempo e da morte, começam a ser abordados.

As imagens também deixam de ser apenas descritivas e, frequentemente, vão muito além do que é sinalizado no texto.

Para realizar seu projeto editorial, François Ruy-Vidal cercou-se de escri-

tores para leitores adultos, como Margerite Duras e Eugène Ionesco, e de ilustradores que também eram artistas plásticos.

A própria concepção do editor se modifica nesse contexto, pois ele tem que ter uma visão global do processo, e passa a ser visto como um catalisador do processo de criação de uma equipe.

Como se pôde constatar, muitos desses paradigmas conduziram também às escolhas, tanto temáticas quanto ideológicas, que nortearam também as publicações da editora fundada por Christian Bruel na década de 1970. Todavia, não podemos nos esquecer de que suas buscas estavam também em sintonia com as ideias que pautaram o movimento francês que entrou para história contemporânea como Maio de 68.

Algumas informações sobre o Maio de 68 francês

Na década de 1960, a França estava sob o comando do general Charles De Gaulle e ainda se viviam os reflexos das perdas sofridas durante a Segunda Guerra Mundial, ocorrida entre 1939-1945.

A rigidez disciplinar ditava as regras na escola, a homossexualidade era tratada como uma doença e as mulheres não podiam expressar livremente suas ideias.

Dentro desse contexto, o movimento que teve início na Universidade de Nanterre, nos arredores de Paris, e que, em pouquíssimo tempo, propagou-se por todo o país, foi um marco não só para história da França como do mundo.

Os acontecimentos tiveram início com um abaixo-assinado, elaborado pelos estudantes, contra a proibição de pessoas de sexos diferentes ocuparem os mesmos quartos na moradia estudantil. Como punição, um grupo de estudantes foi expulso das residências. Assim, começou uma série de manifestações lideradas pelo estudante Cohn-Benedit.

No dia 2 de maio, o reitor decide fechar a faculdade, e os estudantes de

Nanterre seguem para o centro de Paris, onde se reúnem em assembleia em frente à Sorbonne. Não demorou muito para que os estudantes dessa universidade também aderissem ao movimento. Em 10 de maio, na chamada “Noite das barricadas”, cerca de 20 mil estudantes enfrentaram a polícia nas ruas de Paris. Foi esse levante que acabou deflagrando uma greve geral de 24 horas, envolvendo também os trabalhadores, no dia 13 de maio.

As principais centrais sindicais francesas aderiram ao comando de greve e o movimento foi se espalhando por outras regiões da França, com eventos como a tomada da diretoria por operários da Renault, nos arredores de Rouen, e a ocupação da estatal Sud-Aviation, em Nantes. Em poucos dias, as paralisações tomaram conta de todo o país. Intelectuais como Sartre, Edgar Morin e Bourdieu também aderiram ao movimento e participaram das assembleias estudantis. Dez dias depois da greve geral, o número de grevistas já chegava a 10 milhões em todo o país.

O presidente Charles De Gaulle organizou uma manifestação em seu apoio, dissolveu a assembleia nacional e convocou eleições para dentro de um mês. Menos de um milhão de pessoas participaram do evento. Todavia, depois disso, a polícia passou a agir com truculência, desocupando as fábricas e prendendo os manifestantes.

Para muitos estudiosos, o Maio de 68 foi um poderoso movimento social que desafiou o Estado, mas não conseguiu construir uma alternativa de poder durante o levante e uma política que sobrevivesse ao período revolucionário. Prova disso é que De Gaulle ganhou as eleições.

No entanto, além de conquistas como o aumento geral dos salários na França, questões como o poder patriarcal, o machismo, o desrespeito com relação às opções sexuais e a rigidez da estrutura educacional passaram a ser discutidas, e mudanças começaram a ocorrer, visando o respeito pelas minorias, pelos direitos da mulher e da criança. Talvez essa tenha sido a grande conquista desse movimento, que repercutiu no mundo inteiro.

A história de Júlia e sua sombra de menino

A maioria dos livros editados pela *Le sourire qui morde* são histórias curtas que giram em torno de um problema central, como é o caso da obra *A história de Júlia e sua sombra de menino*, em que a protagonista tem dificuldades para construir sua própria identidade devido às expectativas dos adultos. Como já dito, temas como o divórcio, construção da identidade, a busca pela autonomia e a luta contra os preconceitos são recorrentes nos livros lançados por Christian Bruel durante toda a existência da editora por ele criada.

No caso específico da obra *A história de Júlia e sua sombra de menino*, a protagonista foge aos padrões comportamentais preestabelecidos por gostar de fazer coisas incomuns, como ler de patins, não querer se pentear, não abrir mão de um pulôver rasgado ou adorar criar roupas diferentes usando a cortina da janela. Os pais tentam enquadrá-la naquilo que acreditam ser o adequado para uma menina de sua idade e acabam entrando em conflito com a garota. Nessas discussões, Júlia sempre ouve os pais afirmarem que ela “parece um menino”. Até que um dia ela acorda e percebe que tem uma sombra de menino.

A primeira reação de Júlia diante dessa sombra, que não corresponde à sua imagem, é de assombro e repúdio. Ela tenta em vão dialogar com a sombra de menino que a persegue, mas não é ouvida. Chega a criar artifícios, como brincar em poças d’água, na esperança de que a perseguidora inoportuna pegue um resfriado e vá embora. Mas ela continua lá. A solução encontrada por Júlia é fugir para o parque e esconder-se em um buraco escuro, pois sabe que se não há luz, não há sombra.

É nesse esconderijo que a menina conhece um garoto que, como ela, também sofre por não ser aceito como é, uma vez que as pessoas o repreendem por ser sensível como uma menina. É nesse encontro, quando há uma espécie de espelhamento entre as duas crianças, que Júlia percebe que não está só e volta para casa disposta a lutar pelos seus direitos de ser como quiser.

Interessante observar que, na última imagem do livro, quando Júlia está a caminho de casa, a sombra representada é a da própria menina. Portanto,

ao assumir a atitude de lutar pelo direito de ser diferente do que esperam dela, a garota integra-se novamente com sua sombra. Ou seja, é como se todas as porções reprimidas e inferiorizadas pelo julgamento dos adultos, aqui representadas pela sombra, finalmente se integrassem à consciência, sinalizando que a garota será ela mesma, independentemente dos julgamentos externos.

Um dos temas abordados na obra diz respeito à identidade de gênero. E nesse sentido é interessante observar que Júlia não parece ter problemas com os de sua idade – tanto que, no único contato que tem com outra criança, Júlia ganha força para brigar pelo direito de ser ela mesma. O grande problema está justamente na forma como os adultos tratam seu comportamento. Podemos afirmar, então, que a adoção dos papéis de gênero está, em certa medida, associada às expectativas e às funções que a sociedade espera de cada pessoa pelo fato de pertencer a um ou outro gênero. E essas expectativas, geralmente, são impostas pelos adultos e não pelas crianças.

Esse tratamento em função do gênero começa com a escolha de objetos, cores e brinquedos diferentes desde a primeira infância. No entanto, não são apenas os pais que reforçam essa estereotipia. Muitos professores também agem com os alunos a partir desses estereótipos, quando, por exemplo, valorizam as conquistas físicas e racionais dos meninos e estimulam o bom comportamento e a docilidade por parte das meninas. No entanto, são justamente os processos educativos que poderiam atenuar esses estereótipos em nossa sociedade.

E aqui devemos lembrar que a distinção entre brincadeiras infantis e brincadeiras de adultos começou a ser estabelecida nos séculos XVII e XVIII. Quando surgiu a necessidade de se evitar que os nobres se misturassem aos plebeus, começou também a ocorrer uma separação demarcada entre o mundo do adulto e o mundo da infância. Contudo, não havia ainda uma fronteira rígida entre brincadeiras de menino e brincadeiras de menina. César Nunes e Edna Silva dizem o seguinte sobre as brincadeiras dessa época:

Os brinquedos mais comuns, que serviam à primeira infância, eram predominantemente bonecos; meninos e meninas brincavam com bonecas, sem problema de identificação rígida com papéis sexuais e algum tipo de preconceito. Miniaturas de casas, cavalo de pau, bola, peão, cata-vento eram os jogos mais populares (NUNES; SILVA, 2007, p. 38).

Com a ascensão da burguesia e a legalização das relações matrimoniais com o intuito de preservar o patrimônio e garantir os direitos passados de pai para filho, os papéis do homem e da mulher passam a ser bem demarcados dentro de casa. A mulher deveria dedicar-se aos cuidados com a casa e à educação dos filhos; ao homem caberia trabalhar fora para garantir os proventos da família. Nesse contexto, as brincadeiras infantis também tomaram outra dimensão: as meninas passaram a ser estimuladas a brincar com bonecas e a ganhar casinhas em miniaturas, para aprenderem a ser mães exemplares e boas donas de casas; os meninos começaram a ser estimulados a participar de jogos em que teriam possibilidade de mostrar força e destreza.

No entanto, nas últimas décadas do século XX e início do XXI, esse quadro se alterou. A participação cada vez mais expressiva da mulher no mercado de trabalho e a eclosão de uma complexa rede de valores e informações da sociedade de massa, em que a família passou a não ter mais preponderância sobre o enquadramento sexual – delegando, em certa medida, esse papel à escola e até às redes de comunicação –, fizeram com que muitas questões fossem revistas.

Por exemplo, se as brincadeiras infantis têm, entre muitas outras funções, a de ajudar a criança a entender seu papel no mundo adulto, na atualidade não faz mais sentido diferenciar brincadeiras de meninas de brincadeiras de meninos, ou elogiar determinados comportamentos como marca de gênero.

Diante de tantas mudanças sociais, algumas iniciativas também têm sido tomadas no âmbito governamental brasileiro nos últimos anos, visando a formação integral dos indivíduos. Por isso, nas propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a sexualidade é apresentada como um dos temas transver-

sais que devem perpassar todas as disciplinas. É justamente com um trecho desse documento que gostaríamos de fechar essa parte da reflexão:

Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico, e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade. Diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros. (...) A abordagem do corpo como matriz da sexualidade tem como objetivo propiciar aos alunos conhecimento e respeito ao próprio corpo e noções sobre os cuidados que necessitam dos serviços de saúde. A discussão sobre gênero propicia o questionamento de papéis rigidamente estabelecidos a homens e mulheres na sociedade, a valorização de cada um e a flexibilização desses papéis.³

Outra questão importante apresentada ao final do livro *Júlia e sua sombra de menino* diz respeito à consciência que a protagonista adquire sobre seus direitos depois do diálogo com outra criança. Como apresentado anteriormente, questões referentes aos direitos da criança e das mulheres foram alguns dos temas discutidos pelo grupo do qual Christian Bruel fez parte depois do Maio de 68 na França.

No Brasil, uma conquista bastante recente nesse sentido foi o Estatuto da Criança e do Adolescente promulgado em 1990. Todavia, ainda que documentos como esse tenham como objetivo despertar em pais, educadores e adultos em geral uma outra postura diante de temas que envolvem a educação de crianças e adolescentes, estamos longe de tirar do papel muitas das

3 Fonte: ← <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf> → Acesso em 18 mar. 2015.

questões referentes aos direitos ali postuladas. A compreensão e consciência de que estamos em uma sociedade de direitos não passa apenas pela leitura dos documentos oficiais, mas também pela leitura de obras literárias ou informativas que suscitem discussões sobre a construção da cidadania, na medida em que nelas temos não apenas um indivíduo autônomo e livre, representado pela personagem, mas igualmente inscrito e atuante em um contexto histórico-social.

Ser competente no domínio da linguagem significa ser capaz de compreender e produzir textos orais e escritos adequados às diferentes situações de comunicação e também de se posicionar de maneira crítica diante do que se lê ou ouve. Todo texto oral ou escrito é um ato de linguagem, portanto, para ler ou ouvir bem é imprescindível reconhecer quais as intenções de quem produziu o texto na fala ou na escrita. Por outro lado, o leitor competente é aquele consegue manifestar suas próprias opiniões, a partir do que ouviu ou leu, com argumentos coerentes.

Acreditamos que a partir da leitura da obra *A história de Júlia e sua sombra de menino*, questões como direito de ser diferente; os estereótipos de gênero impostos pela sociedade e o desrespeito às individualidades podem suscitar boas discussões e reflexões.

Referências

COHAN, Sergio; PIMENTA, Heyk (Orgs.) *Mais de 68*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008.

HOINVILLE, Caroline. *Les albums pour enfants des maisons d' édition. Des femmes et Le Sourire qui mord 1975–1995*. Master 1. Université Lumière Lyon, 2 août 2007. Disponível em: <http://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/document-1830>. Acesso em 15 mar. 2015.

KURLANSKY, Mark, 1968. *O ano que abalou o mundo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

NUNES, César; SILVA, Edna. *A educação sexual da criança*. Campinas: Autores Associados, 2006.